

PERDENDO O SONO - PROPOSIÇÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA PARA DIFERENTES PÚBLICOS NUMA EXPOSIÇÃO

LOSING SLEEP - CONTEMPORARY ART PROPOSITIONS FOR DIFFERENT AUDIENCES IN AN EXHIBITION

Julia Rocha¹

Resumo:

O presente texto reflete sobre o projeto educativo da exposição *Ao redor do sono*, realizado pelo Grupo de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea, em 2019, na Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo. A arte contemporânea foi adotada como eixo condutor de um conjunto de quatro oficinas realizadas com públicos de diferentes contextos, da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e terceira idade. Considerando a perspectiva de processualidade e reflexão da arte contemporânea como metodologia a partir de Acaso e Megías (2017), as oficinas trataram de temas transversais ao sono, temática da proposta curatorial da exposição. A relação entre o ato de dormir, o trabalho e a arte foi desenvolvida a partir de Crary (2014) e Dias (2019). A análise das propostas permitiu identificar aproximações das produções dos artistas da exposição com os exercícios educativos propostos pelo Grupo de Pesquisa.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Ensino da arte. Exposição.

Abstract:

This paper reflects on the educational project of the exhibition “Ao redor do sono”, carried out by the Research Group Entre - Educação e arte contemporânea, in 2019, at Galeria de Arte e Pesquisa from Universidade Federal do Espírito Santo. Contemporary art was adopted as the guiding principle of a set of four workshops held with audiences from different contexts, from early childhood education, elementary school, high school and old age. Considering the perspective of procedurality and reflection of contemporary art as a methodology from Acaso and Megías (2017), the workshops dealt with themes transversal to sleep, theme of the curatorial proposal of the exhibition. The relationship between sleep, work and art was developed from Crary (2014) and Dias (2019). The analysis of the proposals made it possible to identify approximations between the productions of the artists in the exhibition and the educational exercises proposed by the Research Group.

Keywords: Contemporary art. Art education. Exhibition.

¹ Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Mestre em Artes e Educação pela Universidade Estadual Paulista e Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES e do Grupo de Pesquisa Entre - Educação e Arte contemporânea. Email: pjuliarocha@gmail.com.

Introdução

A relação entre a ação da educação e o ato de dormir parece oposta, discordante. Enquanto o sono implica, na maior parte das vezes, uma ação mais próxima do estado letárgico do corpo, em posição relaxada e na imersão de pensamentos internos (conflituosos ou oníricos), estudar, em contrapartida, envolve uma tensão e uma atenção do corpo, um posicionar-se diante do outro, em uma atividade de escuta e compreensão. Nesse texto refaz-se o encontro entre educação e sono, propondo um diálogo por meio da arte. A relação será estabelecida a partir da reflexão sobre o projeto educativo da exposição *Ao redor do sono*², realizada entre agosto e outubro de 2019 na Galeria de Arte e Pesquisa, da Universidade Federal do Espírito Santo.

O projeto educativo foi proposto como ação conjunta do Grupo de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea com o Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo, ambos vinculados à UFES. A proposta se efetivou no desenvolvimento de um trabalho em duas perspectivas: nas visitas educativas à exposição por uma equipe de mediadores composta por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais e em oficinas que articulavam os conteúdos transversais aos trabalhos da exposição, propostas por componentes do Grupo Entre.

A reflexão sobre os desdobramentos educativos da exposição *Ao redor do sono* possibilita não somente tecer uma avaliação sobre as proposições pedagógicas desenvolvidas junto aos públicos que visitaram o espaço da GAP UFES, mas também discutir relações entre o campo da arte e da educação. Na medida em que a experiência desenvolvida é base para a discussão sobre esse espaço entre os dois campos, reflete-se também sobre os desdobramentos que os trabalhos dos artistas puderam desenvolver como exercícios de comunicação e diálogo com os públicos.

Ao redor do sono - Exposição e proposta curatorial

A exposição reuniu obras de doze artistas que em diferentes linguagens pensaram produções que versavam sobre sono, sonhos, insônia, pesadelos, trabalho, sonambulismo, cansaço e questões tangenciais ao tema. Aline Dias, Ana Lucia Vilela, Augusto Benetti, Camila Silva, Diego Rayck, Elke Coelho, Gisele Ribeiro, Julia

² A exposição fez parte do projeto “A elegia do sono”, de Camila Silva, contemplado no Edital 020 Setorial de Artes Visuais FUNCULTURA da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo.



Amaral, Raquel Stolf, Raquel Garbelotti, Murillo Paoli e Tom Boechat propuseram desenhos, publicações, bordados, vídeos, fotografias, objetos, instalações e intervenções para discutir a relação entre aquilo que “quanto mais se perde, mais se tem”, como sinaliza Aline Dias (2019, p. 6), artista e proponente do projeto.

Imagem 1 - Exposição Ao redor do sono



Fonte: autora.

A proposta expográfica de *Ao redor do sono* pensou em dinâmicas diferentes de relação do corpo com os trabalhos, primeiramente pela adoção de um posicionamento das obras que não respondia à linha do olhar, mas eram dispostas mais próximas ao chão, remetendo no processo de leitura ao ato de abaixar-se ou deitar-se. Em frente às obras de vídeo, no lugar de bancos para fruição das obras, estavam esteiras para deitar-se, incorporando também o chão como foco do movimento da leitura das obras. Por fim, a iluminação direcionada e branca do espaço da Galeria foi substituída por luzes difusas e amarelas, remetendo ao espaço doméstico ou aos lugares de dormir. Essas características foram pertinentes no relacionamento dos visitantes com o espaço expositivo, porque traziam mais camadas de sentido para a proposta curatorial. Na perspectiva do projeto educativo, essa reconfiguração da montagem da exposição foi interessante, visto que a reconfiguração da linha do olhar tornou as obras mais visíveis e próximas das crianças, além de assumir as esteiras como parte da vivência dos públicos.

Pensando propriamente nas obras do conjunto proposto pela curadoria, mais do

que representar o sono pelas necessidades fisiológicas ou pela visão do onírico, o conjunto de trabalhos da exposição dialogava diretamente com Jonathan Crary e a ideia de produtividade imposta pelo mercado intermitente de funcionamento do trabalho, acarretando na perda do sono em prol do atendimento do propósito do capital. Para o autor (2014, p. 8) “Mercados 24/7 e infraestrutura global para o trabalho e o consumo contínuos existem há algum tempo, mas agora está sendo criado um assunto que diz respeito a seres humanos para fazê-los coincidir mais intensamente”.

O funcionamento intermitente do meio operacional de produção implica no trabalho contínuo, sendo marcado pela cobrança de disponibilidade e prontidão, tanto das informações e serviços produzidos, quanto dos próprios indivíduos, que mergulhados em atividades contíguas de trabalho e de consumo, não encontram formas de interromper o ciclo (DIAS, 2019). A própria lógica da publicidade e dos meios de divulgação do sistema operacional do mercado perpetuam a ideia de produtividade como perfil de vida, velando o verdadeiro sentido da entrada nesse sistema de trabalho.

Em resposta a esse modo de produtividade, o sono tem sido encarado como uma perda da produção, uma incapacidade da operação do maquinário que, pela intenção do sistema capitalista, não deveria deixar de funcionar. A visão em relação ao descanso não é mais encarada como vital, mas lida como interrupção dos sistemas de produção. A necessidade do corpo entendida dessa forma subjaz ao propósito máximo da produtividade, tratando do operário simplesmente como peça funcional da máquina do mercado.

24/7 é um tempo de indiferença, contra o qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e dentro do qual o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia de trabalhar sem pausa, sem limites. Alinha-se com o inanimado, com o inerte ou com o que não envelhece.

O ato de cercear o direito ao descanso se torna prática do meio de trabalho e implica em uma visão do mercado que menospreza a pausa como necessidade. Nesse sentido, Dias (2019, p. 37) afirma: “Não à toa o sono/sonho é radicalmente erodido na modernidade, desqualificado como preguiça, menosprezado como fantasia irrelevante”. Essas questões foram centrais no trabalho educativo realizado, visto que pensando trabalhos que discorrem sobre a incompatibilidade entre descanso e produtividade, parte das produções de *Ao redor do sono* possibilitaram ao público da exposição a reflexão sobre sua própria rotina de trabalho/estudo e sobre o que os faz ter ou perder o sono. Essas questões foram centrais da perspectiva de trabalho dos mediadores no diálogo com os visitantes da exposição.

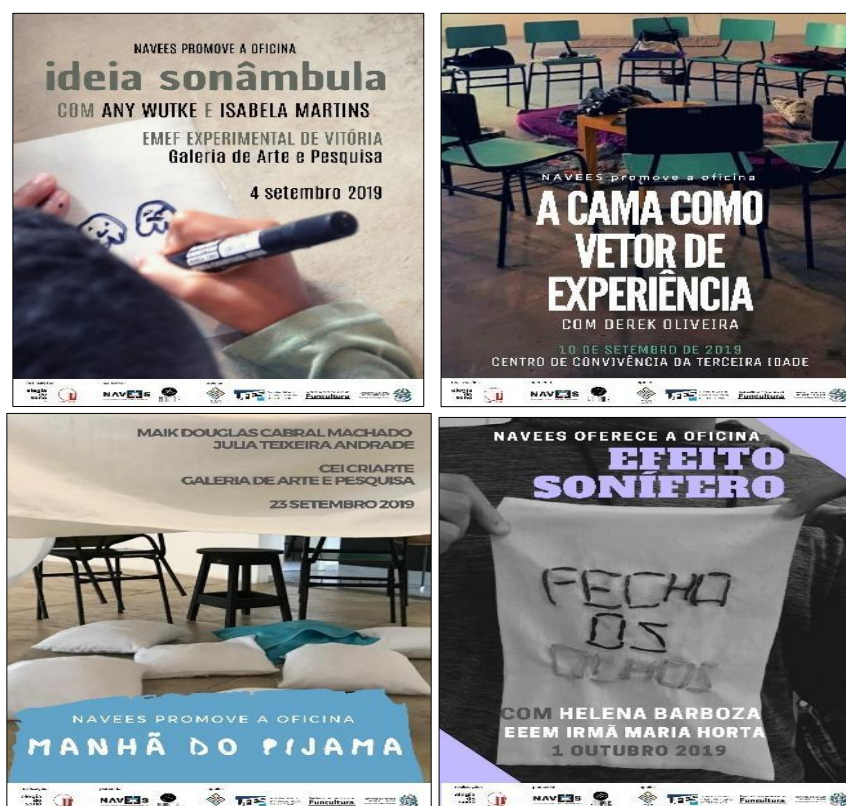
Continuando a partir de Crary (2014), a operacionalização perene dos sistemas de trabalho implica não somente na privação do sono e na perda de qualidade dessa necessidade vital, como também reverbera nos sonhos e pesadelos. Perspectivas positivas do sonho como desejo ou como marcação do descanso são revistas, como afirma Dias (2019, p. 37), sobretudo na vivência das mulheres:

Confinadas histórica, política e socialmente no espaço doméstico não-remunerado pautado pelo regime capitalista e o patriarcado, articulando um sistema de dominação econômico e cultural-simbólico, são as mulheres as principais acusadas de sonhar acordadas e são elas que dormem menos que os homens, acumulando horas de trabalho doméstico. Não à toa o sono/sonho é radicalmente erodido na modernidade, desqualificado como preguiça, menosprezado como fantasia irrelevante. Relacionado ao desejo, o sonho possui uma dimensão política que, em tempos de consumo, isolamento social e impotência política, é colonizado, destituído de importância/sentido.

Assim, diante da proposição da curadoria e dos trabalhos dos artistas, o projeto educativo da exposição *Ao redor do sono* propôs um “ver de olhos fechados e um dormir de olhos abertos” (ROCHA, 2019, p. 121), reinventando modos de pensar e viver o sono, os sonhos e os pesadelos. No exercício de imaginar experiências vividas durante a prática do sono, desenvolveram-se experimentações poéticas que se conectaram com a exposição. Assim, quatro oficinas envolvendo linguagens da arte contemporânea foram pensadas para públicos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e de um Centro de Convivência da Terceira Idade. Com proposições de *site-specific*, instalação, bordado e intervenção com desenho, a exposição saiu do espaço da Galeria e também reverberou nas instituições parceiras.

Durante o processo da exposição algumas questões mobilizaram o trabalho do projeto educativo: Como não perder o sono diante da vida cotidiana? Como se manter acordado com a rotina sobrecarregada? De que forma pensar o sono como não materialidade, afinando-o com propostas artísticas circunscritas na contemporaneidade? Como resultado, refletimos que nossa relação com o sono se reconfigura no decorrer da vivência, passando por diferentes percepções: a letargia se perfaz ao longo da vida, intercalando entre sono profundo, pesadelos, insônias e sonambulismo. O encontro com cada um destes estágios se processou durante as oficinas.

Imagem 2 – Cartazes das oficinas realizadas no projeto educativo da exposição *Ao redor do sono*.



Fonte: NAVEES UFES.

Iniciando-se como uma construção coletiva, as práticas das oficinas foram elaboradas a partir dos públicos, articulando perspectivas que cada uma das faixas etárias poderia construir a partir do sono. Para além das vivências e leituras que cada um dos grupos poderia ter com a temática, duas características foram inerentes a todas as oficinas: a processualidade e a valorização de práticas artísticas contemporâneas como metodologias. Assim, realizaram-se as oficinas: *Manhã do pijama*, *Ideia sonâmbula*, *Efeito sonífero* e *A cama como vetor de experiência*.

O primeiro aspecto presente em todas as oficinas foi a perspectiva da processualidade, considerando a ação coletiva como preponderante e tirando o destaque dos processos manuais que recorrentemente são associados ao ensino da arte. María Acaso (2009, p. 90) destaca que os trabalhos manuais, aqueles que resultam em produtos finais, são desenvolvidos pensando com destaque nas técnicas, associando as práticas educativas em arte mais ao desenvolvimento plástico do que à análise crítica daquilo que se produziu.

A esse respeito, Fonseca da Silva (2005, p. 48) situa que esses processos foram entendidos como recorrentes durante o ensino da arte modernista, “Já nos aspectos da prática artística na sala de aula, essa foi inicialmente rechaçada por representar o ponto central dos processos de ensino da arte na modernidade que era a ênfase no produto”, mas ainda se considera a realização dos mesmos como parte integrante da arte/educação hoje.

Dentro do projeto educativo da exposição, a perspectiva foi questionada durante a criação das oficinas e mesmo nos exercícios práticos não tínhamos o produto como objetivo central, porque como afirma Acaso (2009, p. 91):

A perícia técnica se converte, portanto, no objetivo principal, o que, de rebote, nos conduz a pensar que os únicos processos de análise que se desenvolvem estão situados em uma área que, por incrível que pareça, está distante da nossa: a História da Arte. Como resultado dessa combinação, as atividades relacionadas com as artes visuais se configuram como uma espécie de *serventia visual*, já que *servem ao centro* onde se desenvolvem porque decoram os murais, os cenários, as maquetes e servem aos pais, já que nessa disciplina se elaboram presentes, elementos de natal e datas festivas etc. (tradução da autora).

Assim, as oficinas valorizavam menos a autoexpressão criativa e mais os processos de desconstrução dos trabalhos expostos em *Ao redor do sono*. Na medida em que os exercícios elaborados versavam sobre narrativas sobre cada perfil de público, construíram-se práticas a partir de suas percepções sobre o sono, considerando que a produção não estava em primeiro plano nas ações, chegando ao desenvolvimento como meio de materializar as leituras elaboradas sobre as obras da exposição.

Como segundo aspecto, o reconhecimento da arte contemporânea preconizando o processo foi referenciado em Acaso e Megías (2017, p. 84), considerando que “A educação que construímos não pode seguir reduzindo o imaginário da artes às artes do passado, as do presente tem que constituí-la também” (tradução da autora). Nesse caso, não somente pensamos nas práticas artísticas contemporâneas como objeto de estudo - a partir das obras da exposição -, mas também em práticas educativas que utilizassem de linguagens e questões mobilizadas na arte contemporânea, aproximando conteúdo e metodologia nas práticas.

Como nesse projeto dialogávamos diretamente com a exposição de onde partiu o projeto, o que estava em jogo no processo eram as próprias obras, além da proposta curatorial e das leituras por trás da proposta. Encadeando as discussões dos trabalhos com as possíveis leituras dos públicos pensamos em propostas educativas que ampliavam, espelhavam ou atravessavam alguns dos trabalhos presentes na mostra, evidenciando o intuito de perceber a própria arte contemporânea como uma

metodologia de trabalho.

Projeto educativo e oficinas ao redor do sono

Pensando nas questões que envolvem as discussões de Crary (2014) e Dias (2019), no espaço da Galeria de Arte e Pesquisa mediadores receberam o público para dialogar sobre os trabalhos expostos, pensando em jogos de palavras que ampliassem as leituras dos trabalhos e debatendo sobre as variadas linguagens e obras que tomavam como ponto de partida o mesmo tema. As mediações partiam das experiências dos visitantes, sobretudo por conta da proximidade que todos possuem com a temática do sono, seja pelo prazer, pela privacidade, pelos sonhos, pelos pesadelos, pela ansiedade, pelo conforto, pela inexistência, pela companhia, pelos desprazeres.

Para além das possibilidades de diálogo efetuadas com os visitantes da exposição pelos mediadores, o projeto educativo de *Ao redor do sono* pensou em articulações com grupos específicos que poderiam ser realizados dentro e fora da Galeria, propondo experimentações poéticas a partir dos trabalhos da exposição. Assim, foram propostas oficinas para os segmentos da educação básica e para um grupo de terceira idade.

Foram realizadas oficinas com crianças da Educação Infantil do Centro de Educação Infantil Criarte, com crianças do Ensino Fundamental da Escola Experimental de Vitória, com adolescentes do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Maria Ortiz e idosos do Centro de Convivência da Terceira Idade de Jardim da Penha. Dessa forma a exposição saiu do espaço da Galeria, associando aspectos da produção dos artistas que fizeram parte do projeto com relações destes diferentes públicos. As oficinas envolveram estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFES, Any Karoliny Wutke Souza, Derek Oliveira de Almeida, Helena Pereira Barboza, Isabela Vieira Martins, Julia Teixeira Andrade e Maik Douglas Cabral Machado.

Imagem 3 – Visita mediada à exposição *Ao redor do sono*, com Any Karoliny Wutke Souza e Isabela Vieira Martins. Oficina Ideia sonâmbula.



Fonte: Autora.

A primeira oficina desenvolvida foi voltada para o Ensino Fundamental. Realizada com uma turma de 2º ano e elaborada pelas estudantes Any Karoliny Wutke Souza e Isabela Vieira Martins, “Ideia sonâmbula” propôs para a turma de terceiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Experimental de Vitória uma visita à exposição seguida de dois exercícios práticos que desdobravam trabalhos de artistas presentes na mostra. O primeiro momento da visita foi construído de maneira dialogada com as crianças, falando da relação delas com o dormir e o sonhar. A partir desses dois conceitos diferentes relatos de sonhos, pesadelos e experiências com o ato de dormir foram partilhados por variados estudantes da turma.

Depois desse primeiro momento de diálogo e fruição das obras, pensando em outros conceitos tangenciais aos trabalhos propostos e centrando-se na relação entre sono, insônia e sonambulismo, a oficina se desdobrou em dois exercícios práticos. O primeiro deles se conectava com o trabalho de Raquel Garbelotti e Murillo Paoli, “Tsunami” (2019), que ilustravam por animação um pesadelo com um tsunami invadindo o espaço da Galeria. No exercício com as crianças o pesadelo foi substituído pela ideia de uma experiência sonâmbula e eles deveriam revelar imagens coloridas a partir de um fundo negro (o material foi previamente preparado pelasicineiras: papel coberto por uma camada de giz de cera e outra de nanquim). Nesse sentido, a narrativa visual das crianças partia do escuro para revelar imagens construídas por meio de uma experiência inventada de sonambulismo.

Esse exercício foi realizado por crianças e professoras da turma, narrando experiências com a vivência do sono, com a rotina estabelecida com os responsáveis em relação ao ato de dormir e com a identificação de figuras irrealis que aparecem nos

sonhos. O efeito de descoberta das cores no papel colorido trouxe um aspecto de ludicidade da atividade, porque os traços possibilitavam revelar um desenho na camada abaixo. Pelo efeito no plano escuro que revelava formas no exercício do olhar, a proposta também poderia dialogar com os vídeos “Pernoites” (2016-2019), de Camila Silva.

Imagem 4 – Oficina Ideia sonâmbula, com Any Karoliny Wutke Souza e Isabela Vieira Martins.



Fonte: Autora.

O segundo exercício da oficina “Ideia sonâmbula” relacionava-se com a produção da artista Julia Amaral, “Sem título” (2019), que adesivou diferentes desenhos em vinil pelo espaço da Galeria e da Universidade, tomando parte do espaço com figuras fantasmagóricas/voadoras. O desenho proposto para ser inserido no espaço foi feito na Galeria em papel adesivo e levado pela professora para posteriormente ocupar as paredes da escola, criando uma instalação que desdobrasse a experiência da oficina. Pelo efeito da EMEF Experimental de Vitória estar situada dentro do campus da Universidade, a busca por outras figuras adesivadas no caminho entre Galeria e Escola foi instigada como sugestão de brincadeira para o retorno até a instituição, relacionando o exercício com a prática da turma.

Imagem 5 – Oficina A cama como vetor de experiência, com Derek Oliveira de Almeida.



Fonte: Autora.

A segunda oficina do projeto da exposição foi pensada para um grupo da terceira idade que frequenta semanalmente um centro de convivência no bairro vizinho à Universidade e à Galeria. O estudante Derek Oliveira de Almeida desenvolveu a oficina “A cama como vetor de experiência”, pensando na instalação como linguagem e na relação de afeto que o grupo poderia ter com o espaço de dormir. Igualmente, como na experiência anterior, a oficina começou com um momento de visitação na exposição. Diferentes obras foram selecionadas pelo grupo do CCTI Jardim da Penha e durante a mediação foram abordados assuntos como a privação do sono, a fidelização do ato de dormir com certos rituais e/ou objetos, a partilha da cama como construção de afeto e intimidade e a diminuição ou aumento dos períodos de sono com o passar da vida.

Posteriormente, o grupo foi convocado a participar em roda de uma experiência de instalação com um espaço de dormir previamente montado peloicineiro no espaço da GAP. Constituída por elementos básicos como um colchão, roupa de cama e uma mesa de cabeceira, além de outros elementos decorativos e objetos pessoais que poderiam compor um quarto, a instalação serviu, durante a oficina, como ponto de disparo para mais partilhas do grupo em relação ao processo individual do sono. Em uma vivência relacional, os senhores e senhoras que compunham o grupo foram relacionando experiências pessoais com questões pertinentes aos trabalhos presentes na

exposição.

Essa oficina foi construída na troca com os participantes e na partilha sobre suas relações com os trabalhos dos artistas. A criação de uma instalação dentro do espaço expositivo possibilitou rever o lugar do projeto educativo no contexto, uma vez que o diálogo não só se baseou nas percepções sobre as obras, como também foi acrescida de camadas de sentido por parte do proponente. Havia um diálogo entre a instalação que Derek Oliveira de Almeida construiu no espaço, mas também com “Espaço político para o sono” (2018-2019), de Gisele Ribeiro.

Imagem 6 – Oficina Manhã do Pijama, com Julia Teixeira Andrade e Maik Douglas Cabral Machado.



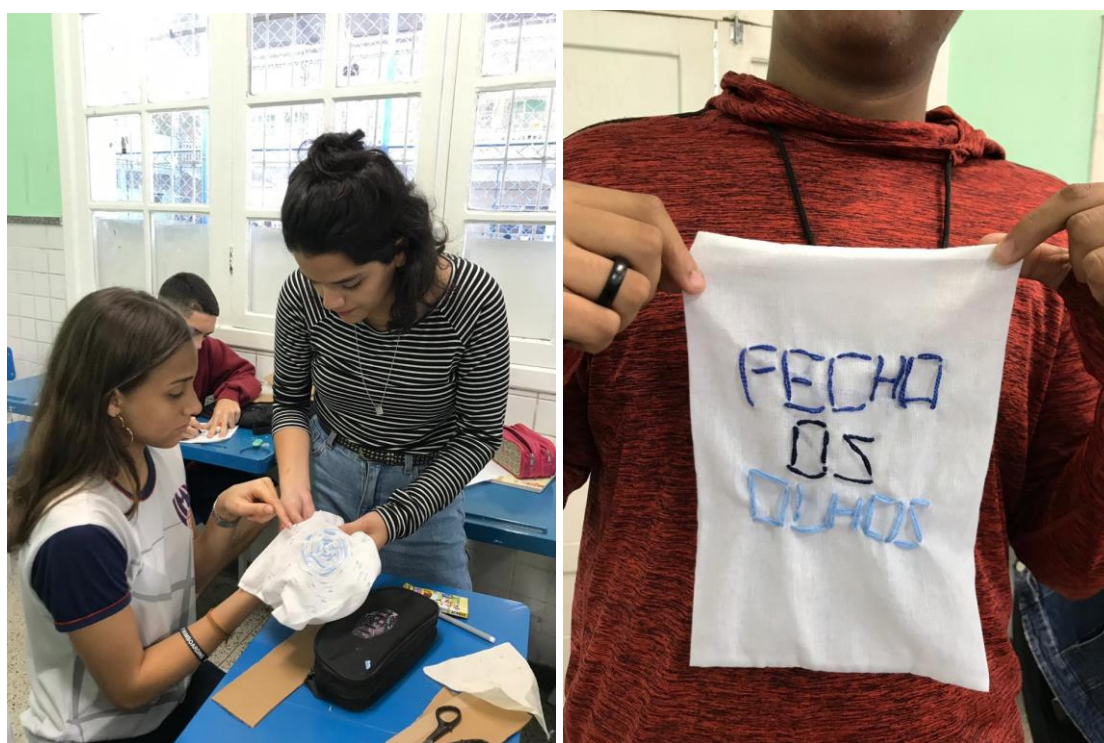
Fonte: Autora.

A terceira oficina também foi realizada no espaço da Galeria de Arte e Pesquisa, dessa vez voltada para um grupo da Educação Infantil. “Manhã do pijama” foi realizada pelos estudantes Maik Douglas Cabral Machado e Julia Teixeira Andrade, abordando *site specific* e instalação. Pela especificidade do grupo, composto por crianças do Grupo 3 do Centro de Educação Infantil CRIARTE, da UFES, o momento de visita foi menos dialogado e mais sensorial. Essa foi a experiência em que as esteiras de dormir (recurso expográfico da montagem da exposição nos trabalhos em vídeo) mais fizeram sentido para a ocupação dos corpos dentro do espaço da Galeria. Compreendendo aquela visita como uma espécie de brincadeira, as crianças foram

convocadas para uma festa do pijama.

Devidamente trajadas com roupas para dormir, as crianças foram, depois do momento de percorrer pelos trabalhos, distribuídas em dois grupos. Cada um dos grupos era responsável por criar um espaço de dormir utilizando cadeiras, lençóis e almofadas. Revivendo uma brincadeira comumente realizada na infância pelos oficinairos, as crianças, juntamente com as professoras do CEI Criarte, criaram dentro do espaço da GAP, barracas com os objetos cotidianos que facilmente poderiam estar em casa, como cadeiras, bancos, lençóis e almofadas. A brincadeira transformou o espaço da Galeria em um lugar também de produção e experimentação, tornando as crianças produtoras de instalações devidamente endereçadas à exposição.

Imagens 7 e 8 – Oficina Efeito sonífero, com Helena Pereira Barboza.



Fonte: Autora.

Por último, a quarta oficina do projeto foi a única que não incluiu uma visita da turma no espaço da Galeria. Pela impossibilidade do grupo de Ensino Médio ir até a Universidade para conhecer a produção dos artistas, obras específicas foram apresentadas por meio de projeção dentro de sala de aula e posteriormente foi lançada a prática pensada para a turma. A estudante Helena Pereira Barboza desenvolveu com uma turma de 1º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Irmã Maria Horta a oficina “Efeito sonífero”.

Dialogando diretamente com as cobranças estabelecidas a partir dessa etapa do

Ensino Médio e pensando nas projeções de futuro a que os adolescentes são submetidos, a oficina pensou em sonho em duas perspectivas: na construção onírica e visual que temos ao dormir e no sonho como desejo e prospecção de algo a ser construído ou conquistado. Com uma dessas premissas em mente, os adolescentes tiveram como ponto de partida o trabalho de Raquel Stolf, “Estofos” (1998), que relata sonhos vividos em pequenos travesseiros. Como prática, “Efeito sonífero” repensou forma de se desconectar, operando o tempo de outra maneira e convidando os estudantes da turma a bordarem, desenharem e interferirem em pequenos travesseiros projeções de sonhos e coisas que lhe roubam o sono.

A experiência foi desenvolvida no decorrer de três aulas consecutivas, assumindo a prática como comunicação das questões que mobilizam os jovens em relação ao ato de dormir e suas reverberações nos sonhos. Aspectos identificados nos trabalhos apresentados foram incorporados como elemento, associando as obras dos artistas com as produções que realizaram nos travesseiros. Diferentes referências de cultura visual, músicas e poesias também apareceram como resultado das ideias que desenvolveram. Alguns associaram o sonho como projeção de carreira, mas uma grande parte mencionou o sono como lugar de pausa da rotina escolar que vivenciam.

As quatro oficinas descritas e refletidas possibilitaram aos componentes do Grupo Entre, como proponentes, discutir aproximações da arte contemporânea com diferentes segmentos da educação básica, além de terem realizado também uma experiência extra escolar. Pensando em reverberações dos próprios trabalhos dos artistas, o conjunto de oficinas abriu discussões sobre a identificação ou distanciamento com a produção contemporânea, assumindo que a temática da exposição e a proposta curatorial viabilizavam discussões que articulavam a interface arte e vida presente na produção de diversos artistas. Essa aproximação é identificada por Fernando Cocchiarale (2007, p. 16), que demarca como a arte contemporânea:

[...] passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espraiada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida.

Esse atravessamento da produção artística contemporânea com aspectos subjetivos que geram proximidade foi demarcados durante as propostas como mecanismos de conectar os sujeitos com as obras da exposição, visando desarticular essa possível postura de medo que Cocchiarale (2017) relata como recorrente aos públicos. A identificação foi um aspecto demarcado no planejamento das ações, sobretudo por conta do contato com os diferentes grupos ter sido realizado somente no

ato educativo, sem um conhecimento prévio dos sujeitos ou uma aproximação com questões que estivessem trabalhando em suas dinâmicas de convívio e educação.

Os princípios adotados como premissa do projeto educativo foram também conectados com essa perspectiva. A processualidade foi prerrogativa de todas as propostas desenhadas, porque, ainda que algumas envolvessem a materialidade e a produção em torno de um material físico, as proposições privilegiavam o processo como foco, adotando o recurso como meio para desenvolver uma ação e uma troca em torno das questões que partiam dos trabalhos dos artistas. Dialoga-se com Acaso e Megías (2017, p. 76), que dizem “A produção de manualidades, de artesanatos, se encontra desconectada dos tempos, processos e estratégias da arte contemporânea, permanecem ancoradas nos modos de fazer de momentos históricos que têm pouco a ver com os nossos” (tradução da autora). Assim, assumimos a processualidade como ponto central na construção das oficinas.

No lugar de adotar o fazer manual como foco das ações, como Grupo de Pesquisa temos assumido a prática expandida, como lugar de reflexão, de discussão, de debate e de fruição. Como indicam Acaso e Megías (2017, p. 93):

Analisar criticamente uma imagem é um processo, é fazer. É, definitivamente, uma das chaves de mudança do imaginário, porque fazer não somente significa modelar, pegar ou recortar materiais físicos, mas significa detectar, suspeitar, olhar a partir de outro ponto de vista, analisar, ir mais além e, decididamente, mudar nossos hábitos e os das pessoas que nos rodeiam [...] (tradução da autora).

A ação como exercício poético foi desenvolvida com os diferentes grupos com o propósito de experienciar questões que são semanalmente mobilizadas pelo Grupo Entre de forma teórica. Assim, pudemos desenvolver práticas que materializassem as discussões em torno do cruzamento da arte contemporânea com os processos educativos, encadeando ações que pudessem nos conectar com públicos diferentes e questionar as proposições educativas como construções narrativas unidirecionais (assumindo as respostas como parte inerente das oficinas).

Em diálogo, a partida do trabalho dos artistas para pensar práticas com cada um dos segmentos de públicos nos permitiu encontrar formas diferentes de responder às questões que tínhamos no início da concepção do projeto educativo. Esse processo se desdobrou nas oficinas descritas e refletidas, bem como nos processos de mediação e diálogo com os visitantes espontâneos no espaço da Galeria de Arte e Pesquisa da UFES. Assumindo as particularidades de cada trabalho como ponto de partida para as proposições educativas, tomamos a arte contemporânea como metodologia,

reverberando ações e práticas que as obras indicavam como possibilidade de relação e recepção dos/com os públicos.

Referências Bibliográficas:

ACASO, María. **La educación artística no son manualidades:** Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual. Madrid: Editora Catarata, 2009.

ACASO, María; MEGÍAS, Clara. **Art thinking** - Cómo el arte puede transformar la educación. Barcelona: Paidós educación, 2017.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

CRARY, Jonathan. **24/7** - Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DIAS, Aline (org). **Ao redor do sono.** Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. **A formação de professores de Arte:** Diversidade e complexidade pedagógica. Florianópolis, Editora Insular, 2005.

ROCHA, Julia. Dormindo de olhos abertos. In: DIAS, Aline (org). **Ao redor do sono.** Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.